

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial
M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente*
WILSON FIGUEIREDO — *Vice-Presidente*

Conselho Corporativo
FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVEA VIEIRA

LUIS OCTAVIO DA MOTTA VEIGA — *Diretor Presidente*

DACIO MALTA — *Editor*
MANOEL FRANCISCO BRITO — *Editor Executivo*
ROSENAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*
ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

FERNANDO ZENOBIO A. DE CARVALHO — *Diretor*
SERGIO REGO MONTEIRO — *Diretor*

Destino Virtual

O ano de 1994 chega ao fim com a política brasileira oscilando entre o sopro da renovação e a persistência dos velhos métodos. No Congresso Nacional, o compromisso com a retaguarda da História tem um nome: José Sarney. Representante do fisiologismo e do clientelismo, mestre em conchavos e em vitórias políticas que dispensam o voto popular, o ex-presidente já colocou na mesa sua candidatura à presidência do Senado Federal.

Seu principal trunfo é a predominância na bancada do PMDB de senadores que representam o Brasil não industrial. Dos 23 senadores do partido, 18 são do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O "compadre" Humberto Lucena lhe garante a adesão de 12 deles.

Nem todos, porém, querem correr o risco de receber calendários com a imagem de mais um "franciscano eletrônico". Na última semana, senadores do PMDB autêntico, do PSDB e do PFL deflagraram vigoroso movimento de oposição à candidatura Sarney. A estratégia do grupo inscreve-se no esforço para resgatar eticamente o Senado, estigmatizando o senador pelo Amapá como político empenhado em manter as coisas como elas foram até hoje.

As duas cúpulas do Congresso sabem que José Sarney não almeja o cargo para trabalhar por um regime que tem um estilo em tudo oposto ao seu. Ninguém ignora que Sarney usa siglas partidárias como trampolins para mergulhos no poder. Ou como casacas que são viradas e reviradas ao sabor das circunstâncias e oportunidades.

Os senadores da renovação estão conscientes de que o ex-líder político da ditadura, o ardoroso comandante da batalha pelas "indiretas já", o dissidente da última hora e adesista da primeira, político coronelesco por natureza e convicção, e incompatível com a abolição de privilégios, o fim das exceções, a liquidação dos corporativismos e a governabilidade fundada na justiça.

Confrontados com a dramática aritmética dos grotões, estes mesmos senadores contam barrar a candidatura Sarney alterando o regimento interno do Senado. As mudanças tornariam o cargo menos atraente para o senador pelo Amapá. Os principais cargos administrativos, por exemplo, passariam a ser aprovados pelo plenário, não por indicação do presidente. A tramitação dos processos seria acelerada, com a redução do excessivo número de membros de comissões para facilitar o quórum. Sarney aprecia outro tipo de facilidades.

Só do PMDB gaúcho pode, infelizmente, surgir uma oposição efetiva à eleição de Sarney. A praxe é que, não havendo adversário dentro do partido, a sigla majoritária aponte o candidato natural. Configurada a dissidência, no entanto, a eleição vai a

plenário. É com isso que contam os éticos para frear a nova eleição de bastidor de Sarney.

O atual líder do governo no Senado, senador Pedro Simon, poderia ser o nome indicado para a disputa. É do tipo que, pelo desprendimento, não toma como ofensa pessoal um sacrifício por interesse público. Ou alguém espera que, com seu currículo, Sarney possa um dia ser considerado "candidato natural" a qualquer cargo que seja, sem garantia de vitória?

O PMDB vitorioso nas urnas está representado pela sua ala gaúcha. Não há termo de comparação entre a vitória de Antônio Britto, sem frotas de helicópteros nem TVs dispostas a censurar sondagens desfavoráveis ou acusações de fraude, com a eleição conturbada e apertada de Roseana Sarney (por 1,3% dos votos).

Terá o Amapá peso político equivalente ao do Rio Grande do Sul? Será que Sarney tem mais afinidade com Ulysses Guimarães do que Simon teve? Ou terá mais condições de dialogar com o governo de Fernando Henrique Cardoso? Não seria um melancólico paradoxo colocar à frente da Câmara Alta um político que viveu o risco de ser enxotado do mapa do poder pela virtual vitória de Epitácio Cafeteira no Maranhão?

Mesmo em face da probabilidade da vitória do compadrio e do cambalacho, não seria mais indicado, em nome da renovação, confrontar Sarney com um nome de densidade histórica, amparado por um passado caracterizado pela correção e pela probidade? Não estaria na hora de se lançar um anticandidato?

Pedro Simon sabe o que é um anticandidato. Ele nasceu em 1973, quando Sarney militava ao lado da ditadura e o deputado federal Ulysses Guimarães decidiu enfrentar Ernesto Geisel, em eleição indireta, sabendo que era tarefa matematicamente inglória, mas historicamente gloriosa.

Geisel venceu, na ocasião, por 400 a 76 votos, a 15 de janeiro de 1974. Na interpretação popular, porém, o virtual vitorioso foi Ulysses. Geisel se tornou mais um líder de um regime de exceção, enquanto Ulysses preparava o terreno para o arrasador triunfo do PMDB nas legislativas daquele mesmo ano.

Na pior das hipóteses, a anticandidatura de Pedro Simon marcará o protesto da sociedade, que espera se livrar dos senadores de calendário e presidentes de fãclaria. Ela dará corpo ao inconformismo, sinalizando ao eleitorado que elegeu Fernando Henrique Cardoso que nem todos no Congresso estão dispostos a manter as coisas como elas sempre foram.

Será que erradicar o fisiologismo, suprimir o clientelismo, afastar o empreguismo, acabar com a manipulação e o "franciscanismo", em pleno regime democrático, é tarefa tão difícil quanto combater uma ditadura militar?